
LIBERDADE E ESCRAVIDÃO: REFLEXÕES SOBRE O FILME QUEIMADA (BURN!) E A REVOLUÇÃO HAITIANA

SLAVERY AND FREEDOM: REFLECTIONS AND INTERSECTIONS
BETWEEN THE "BURN!" MOVIE AND HAITI (SAINT DOMINGUES)

Silvia Katherine Pacheco Teixeira¹

<https://orcid.org/0000-0003-2129-731X>

<http://lattes.cnpq.br/5130853547231742>

RESUMO: No presente artigo discutimos as ideias de liberdade e escravidão, tomando como referencial teórico o conceito hegeliano de dialética senhor-escravo à luz das reflexões propostas por Susan Buck-Morss em seu texto denominado “Hegel e o Haiti”. A partir destes referenciais, analisamos uma obra cinematográfica do cineasta Gillo Pontecorvo de 1969, chamada Queimada (Burn!), cujo contexto nos remete a Revolução Haitiana de 1804. Não obstante a distância temporal das referências aqui aludidas com relação ao século XXI, buscamos destacar a relevância e contemporaneidade das categorias, conceitos e noções advindas dessas fontes filosóficas e historiográficas, sobretudo no que se refere às concepções de liberdade e escravidão.

Palavras chave: liberdade; escravidão; senhor-escravo.

ABSTRACT: In this article we discuss the ideas of freedom and slavery, taking as theoretical reference the Hegelian concept of lord-slave dialectics in the light of the reflections proposed by Susan Buck-Morss in her text called Hegel and Haiti. From these references, we analyze a cinematographic work by filmmaker Gillo Pontecorvo from 1969, called Queimada (Burn!), whose context reminds us of the Haitian Revolution of 1804. Despite the temporal distance of the references mentioned here in relation to the 21st century, we seek to highlight the relevance and contemporaneity of the categories, concepts and conceptions departing from these philosophical and historiographical sources, especially with regard to the conceptions of freedom and slavery.

Keywords: freedom; slavery; Lord-slave.

INTRODUÇÃO

O poder de narrar, ou de impedir que se formem ou surjam outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos. Mais importante, as grandiosas narrativas de emancipação e esclarecimento mobilizaram povos do mundo colonial para que se erguessem e acabassem com a sujeição imperial. (SAID, 2011, p. 05).

¹ Doutoranda em Antropologia Social com ênfase em estudos migratórios – (PPGAS – UFAM). Mestra em Antropologia Social – (PPGAS – UFAM). Pós-graduada em Ensino de Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Vinculada ao Grupo de Estudos Migratórios na Amazônia - GEMA. Atualmente desenvolve pesquisa com imigrantes haitianos em contexto escolar, estudos geracionais e processos de sociabilidade. - skpaacheco@gmail.com

Neste artigo pretendemos fazer algumas reflexões acerca dos temas liberdade e escravidão a partir do filme de Gillo Pontecorvo, *Queimada* (Burn!) de 1969, e do contexto histórico de independência do Haiti no século XIX. Estes acontecimentos podem parecer longínquos historicamente, mas as problemáticas são bastante atuais. Para isso é preciso analisar e compreender como e em qual contexto alguns filósofos europeus desenvolveram seu pensamento, a partir dos ideais iluministas de liberdade, igualdade e fraternidade². E também é preciso observar como esses mesmos ideais, pensados por homens europeus e para homens europeus, reverberaram nas colônias europeias pelas mãos e mentes de homens negros e livres, como Toussaint L’ouverture.

Ser escravo ou ser livre não denota a essência da natureza humana, ao contrário, ser escravizado ou ser legitimado como livre são condições históricas e socialmente determinadas em cada contexto. Não se trata de relativizar a liberdade ou a escravidão, mas sim de reconhecer, sem tergiversações morais, que a humanidade não pode ser definida independentemente da construção social de um mundo ou para além de qualquer experiência possível.

De fato, essa concepção pode ser instrumentalizada (como tem sido) de modo a legitimar “contextualmente” a escravidão. Todavia, se se quer refutar radicalmente e inviabilizar realmente qualquer argumento escravocrata, é preciso atentar para o fato de que essa mesma concepção de humano como processo histórico marca uma sutil e profunda transformação no ideal iluminista, um ideal que, desde Kant, concebia a humanidade como resultado necessário de um sujeito transcendental, um sujeito capaz de determinar e validar o que é humano e o que não é.

A partir dessas transformações, a categoria de pessoa se amplia, seja para efeitos de libertação ou para fins de servidão. O servo ou o escravo passam a ser circunstancialmente entendidos como pessoas. Ser uma pessoa é, dessa forma, ser um movimento perene de consciência de si e do outro, como duas manifestações de um mesmo processo. Surgem, então, novos atributos tais como “pessoa livre” e “pessoa escrava”. E a essencialização desses atributos torna-se um instrumento de manutenção e consolidação de estruturas sociais, seja de dominação (no caso de escravocratas) ou de formas de resistência (no caso de anti-escravocratas). De tal modo que, para negar ou afirmar a pessoalidade ou humanidade de alguém, é preciso, antes de tudo, negar ou afirmar os processos históricos que compõem os indivíduos como seres de permanente movimento.

E é como exemplo dessa negação ou afirmação de processos históricos, com profundas e conflituosas (ainda que sutis) implicações nos modos de reconhecer ou desconhecer o humano, que partimos do contexto “ficcional” do filme *Queimada* (Burn!). O filme *Queimada* é baseado na história de independência do Haiti. O diretor do filme, Gillo Pontecorvo, nasceu na Itália vindo de uma família de judeus assimilados. Exilado em Paris por conta do fascismo teve contato com a comunidade antifascista italiana e a elite cultural francesa. Esses encontros, aliados a sua resistência, levaram-no ao partido comunista italiano e posteriormente ao cinema. Seus filmes são reconhecidos pela militância e engajamento em lutas contra opressões anticoloniais, anticapitalista entre outras³.

² Iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem. Tal menoridade é por culpa própria, se a sua causa não residir na carência de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo, sem a guia de outrem. (KANT, 1784, P 01).

³ Conferir em: “Gillo Pontecorvo”, with Giuseppe Fidotta, 2020, p. 433-436.

O filme relata a história da colonização praticada pela Inglaterra durante o século XIX em uma Ilha fictícia das Antilhas denominada Queimada. A ilha leva esse nome porque os portugueses a queimaram toda, pois essa era a única forma de vencer a resistência indígena. Dentre as várias personagens apresentadas no filme, este artigo vai focar em dois papéis principais, onde um representa os senhores e o outro representa os escravos. E ainda que o filme seja uma ficção é possível traçar paralelos com a história de independência do Haiti, em 1804. Esses paralelos são possíveis inclusive porque cenas do próprio filme mostram o temor de certas personagens com o ocorrido em 1804 em Saint Domingue, onde os escravos se insurgiram contra seus senhores.

Na Europa do século XIX as ideias a respeito de liberdade e escravidão eram amplamente reconhecidas como atributos essenciais da natureza humana. Nessa ideia de essência está contida uma ideia de substância imutável, onde ser livre ou ser escravo não era pensado como um vir a ser ou um movimento de tornar-se livre ou escravo. E dificilmente os filósofos iluministas problematizavam os processos históricos da escravização de seres humanos entre os séculos XVI e XIX. Eis aqui a transformação intelectual captada pela filosofia hegeliana. A partir de Hegel, e mesmo a pesar do indivíduo Hegel, os processos históricos ganham estatuto propriamente filosófico e passam a figurar como critérios universais e fatores necessários para a compreensão da essência humana.

A concepção de um sujeito universal foi amplamente utilizada de modo a negligenciar o intenso processo de escravização que vinha ocorrendo nas diversas colônias europeias do novo mundo, tendo em vista que, na mentalidade europeia do século XIX, esses indivíduos escravizados em nada se assemelhavam ao sujeito universal tipicamente europeu. Dessa forma, os negros não eram vistos como sujeitos pelos colonizadores brancos e isso justificava o violento processo de escravização nas colônias como coloca Sartre (1968), no prefácio de “Os condenados da Terra”:

Nossos soldados no ultramar rechaçam o universalismo metropolitano, aplicam ao gênero humano o ‘*numerus clausus*’; uma vez que ninguém pode sem crime espoliar seu semelhante, escravizá-lo ou matá-lo, eles dão por assente que o colonizado não é o semelhante do homem. Nossa tropa de choque recebeu a missão de transformar essa certeza abstrata em realidade: a ordem é rebaixar os habitantes do território anexado ao nível do macaco superior para justificar que o colono os trate como bestas de carga. A violência colonial não tem somente o objetivo de garantir o respeito desses homens subjugados; procura desumanizá-los. Nada deve ser poupado para liquidar as suas tradições, para substituir a língua deles pela nossa, para destruir a sua cultura sem lhes dar a nossa; é preciso embrutecê-los pela fadiga. (SARTRE, 1968).

Em outros termos, a tese hegemônica ainda vigente na Europa do século XIX, através da qual se entendia liberdade e escravidão como essenciais, engendrava ou permeava, muitas vezes, até mesmo às reflexões mais profundas dos principais filósofos da época. Este é, precisamente, o caso do filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel, cujo conceito de dialética senhor-escravo suscita algumas reflexões e inflexões no presente artigo.

Ao mesmo tempo em que alguns pensadores iluministas na Europa dialogavam sobre a liberdade em contraponto com a escravidão, como o que havia de pior nas relações de poder, eles não diziam nada sobre os milhões de homens e mulheres trazidos de África à força para servir de mão de obra escrava nas colônias. Homens e mulheres entendidos essencialmente como escravos e escravas eram quem constituía a força humana produtiva. Força humana essa

que sustentou o desenvolvimento europeu entre os séculos XVI e XIX. Durante os séculos de expansão comercial e de desenvolvimento do pensamento europeu, algumas ideias, como os pensamentos de liberdade, igualdade e fraternidade foram circulando nas colônias.

Com a circulação desses pensamentos, os paradoxos entre o pensamento acerca da liberdade e a prática da escravidão fazem parte do contexto de transformação do capitalismo industrial. A intensidade das luzes do esclarecimento *aufklärung* acabava por ofuscar todo o processo de dominação das nações europeias que estavam dispostas a aniquilar outros povos em função da expansão e consolidação de sua visão de mundo etnocêntrica e, portanto superior às demais. Um exemplo desse processo de escravidão e colonialismo pode ser visto no filme “Queimada”. Vamos a uma breve descrição a respeito dessa obra.

O FILME

O filme se passa no final do século XIX, nas Antilhas. Na primeira cena, ainda em alto mar, aparece a bordo de um navio negreiro e a serviço da coroa inglesa a personagem de Marlon Brando, um inglês chamado Willian Walker. O capitão do navio explica a Walker que o nome da Ilha é Queimada porque antes dos escravos chegarem Portugal incendiou toda a Ilha para vencer a resistência dos nativos. O objetivo da Inglaterra era tomar o domínio daquele território e garantir para si o monopólio do açúcar que era, até então, de Portugal.

Estava nos planos da coroa inglesa tomar o domínio de Queimada a partir de um levante escravo. Porém, para não ocorrer o que aconteceu no Haiti, onde os próprios escravos se insurgiram contra o domínio colonial, a coroa inglesa, tal como representada no filme, agiu estrategicamente de modo a tomar a frente do levante. É nesse sentido que a personagem de Willian Walker é construída. Walker chega a ilha atrás de Santiago, líder popular e alguém potencialmente capaz de iniciar um levante escravo na ilha.

Nas cenas que se seguem à chegada de Walker a ilha, ainda no cais, a personagem de Evaristo Marquez, José Dolores, lhe oferece ajuda com as malas. Sob a fadiga do calor aliado ao peso da bagagem, Walker aceita a ajuda. Logo em seguida, encontra-se com Sanches, um soldado inglês aliado que lhe dá a notícia de que o líder popular Santiago estava sendo executado naquele momento, e que ele precisaria encontrar um novo líder. Agora Walker precisará “forjar” o potencial revolucionário de algum escravo para tomar a frente do levante.

Enquanto pensa, Walker olha pela janela e presencia uma cena em que Dolores rouba um pedaço de pão e entrega-o a uma mulher que está amentando, tudo isso sob a fúria dos chicotes. Então, após essa cena, reconhece em Dolores um homem com o potencial capaz de iniciar um levante. Mas, antes de falar com Dolores, Walker acompanha o cortejo fúnebre de Santiago, feito por sua mulher e filhos. Walker tenta um último contato com a companheira de Santiago enquanto essa mulher carrega o corpo de seu marido, com a ajuda das crianças, para ser enterrado, mas é ignorado pela mulher enquanto esta enterra seu marido, sob o sol escaldante.

Diante daquela situação e a fim de iniciar seus planos, Walker procura Dolores numa tenda, encontra nele um homem aparentemente passivo e disposto a servir ao seu senhor. Walker busca coragem do homem que desafiou os chicotes para dar um pedaço de pão a uma mulher que amamentava. Nesse momento Walker procura irritar Dolores ofendendo sua mãe, Dolores reage e parte pra cima de Walker com um facão. Walker se defende e começa a pôr em prática o seu plano. Walker chama Dolores para liderar um assalto ao banco da ilha, para isso

ele oferece armas e metade do ouro que havia guardado no banco. Dolores chama alguns escravos e executam o assalto, ainda sem saber que essa foi apenas a primeira parte de um plano maior.

Walker seguindo seu plano avisa as tropas reais de Portugal e elas vão atrás dos fugitivos sem contar que estão armados. Ao chegar, as tropas são surpreendidas a tiros que atiraram até matar a tropa de soldados reais. Com essa conquista os escravos comemoram o ato bem sucedido com festejos. Dando segmento ao plano, Walker convoca um atentado durante a festa de máscaras realizada na corte de Queimada, ao governador em exercício que é assassinado a tiros durante a festa. Após esse ato Dolores assume um cargo de general e Sanchez (aliado dos ingleses) passa a ser o novo governador da ilha.

Dolores, entusiasmado, pensa que uma revolução está iniciada. Porém, após a tomada do poder para os ingleses, ele percebe se percebe objetificado por Walker ao ser usado como parte do plano dos ingleses e percebe que o cargo que ocupa não possibilita nenhuma melhora a população de Queimada, nenhum monarca ensina a Dolores quais são as atribuições do cargo. Dolores não aprende as habilidades comerciais dos ingleses. Ele então se afasta do cargo e ao se afastar cria a verdadeira revolução na ilha, pois nas montanhas ele criaria uma resistência armada junto dos seus.

A Inglaterra, agora, tinha o domínio da ilha de Queimada, sob o comando de Sanchez. Walker cumpriu sua missão e volta para a Europa, enquanto Dolores se refugia nas montanhas cercadas de árvores e animais peçonhentos, criando uma barreira natural aos comandantes ingleses. Dez anos se passaram quando Walker é novamente convocado para voltar à ilha de Queimada a fim de capturar Dolores que era acusado de comandar um grupo de guerrilheiros que estavam causando problemas à coroa.

Walker chega à ilha e tenta um primeiro contato com Dolores. A fim de ser recebido por ele, o inglês envia sua garrafa de destilado através de um escravo, ao passo que o escravo retorna morto, com a garrafa pendurada no pescoço e uma mensagem que dizia não beber mais bebida inglesa. Walker entende o recado e parte a captura de Dolores. Incendeia novamente a ilha, mas quer captura-lo vivo.

Dolores é capturado com vida pelos soldados ingleses e levado até Walker que lhe cumprimenta, no entanto Dolores permanece calado por quase todo o percurso em que está sendo levado de volta para o centro da ilha, onde será julgado. Em certa altura desse percurso, Walker manda o soldado que acompanha Dolores ceder seu cavalo a ele e Dolores monta o cavalo do soldado, o soldado fica curioso diante daquela figura que, àquela altura, já é visto como um líder insurgente, tal qual o líder da Revolução haitiana, Toussaint L’ouverture.

O soldado que puxa o cavalo diz à Dolores que ele permanecerá vivo. Dolores olha para o soldado negro que serve as tropas imperiais e, com um olhar de quem já esteve naquele mesmo lugar, um olhar de quem reconhece a condição de servidão, reconhece-se a si mesmo no outro. Dolores fala ao soldado: “se cabe aos senhores que eu fique vivo, então cabe a mim, José Dolores, morrer”.

O jovem soldado não entende. Dolores ri e, sem querer explicar muito, fala em forma de metáfora: “O caçador só deixa o falcão viver quando ele quer um chamariz ou para caçar em seu lugar ele é mantido vivo, mas em uma gaiola”. O jovem soldado parece não ter entendido e, por isso, reafirma que Dolores ficará livre depois de um tempo.

Dolores olha pacientemente e com compaixão para o soldado e diz: “se um homem dá a liberdade a outro homem, isto não é liberdade. Liberdade é algo que você e somente você tem

que conquistar”. Nesse momento, o soldado é pego refletindo naquelas palavras. Dolores havia compreendido o sentido da liberdade, quando refletiu sua condição de escravizado, liberdade é poder decidir seu destino, mesmo que esse destino seja a morte, será uma morte consciente de si e no caso de Dolores de seu potencial revolucionário, afinal estava sendo caçado por isso. Dolores a sua maneira compreendeu o movimento dialético entre liberdade e escravidão. Tornou-se escravo quando teve seu destino atravessado pela força de seus senhores e agora compreendia que, tornava-se livre a medida em tomava consciência de si mesmo no mundo.

Nas cenas seguintes, durante um jantar imperialista na ilha, os ingleses estavam reunidos em volta de um farto banquete para decidirem o destino do escravo insurgente. José Dolores era acusado de liderar uma guerrilha para realizar aquilo mesmo que foi construído como sendo seu destino, a insurgência. Na mesa, junto de outros senhores da colônia inglesa, Willian Walker fala a respeito do perigo que há em um homem que luta por uma ideia se tornar um herói. Walker diz, então: “Um herói que é morto se torna um mártir, e um mártir se torna um mito imediatamente. Um mito é mais perigoso que um homem, porque não se pode matar um mito”. Os generais concordam e após o jantar, um deles vai até a tenda em que está Dolores e tenta suborná-lo.

Na tenda o general oferece-lhe dinheiro e liberdade para sua fuga, mas Dolores recusa. Ele prefere a morte a ter que viver sob o jugo da liberdade consentida pelos seus algozes. Na cena seguinte o dia amanhece com Walker indo em direção à tenda de Dolores, quando passa por um escravo que desajeitadamente tenta fazer o laço que servirá para enforcar Dolores. Walker, mostra ao homem como se faz o nó, e segue para a tenda de Dolores. Já na tenda, essas duas personagens ficam cara a cara pela última vez.

Walker olha nos olhos de Dolores e tenta suborná-lo mais uma vez e mais uma vez Dolores recusa. Walker sai da tenda e ainda no cavalo em direção ao cais ouve quando Dolores o questiona sobre a sua civilização branca enquanto é levado a forca. Dolores teve a intuição que Walker não teve, percebeu que a liberdade não pode ser dada como condição pelos senhores, para Dolores a liberdade ela só pode ser conquistada através da consciência de si, mesmo que isso lhe custasse à morte. O inglês também encontra a morte em seu caminho, porém sem tê-la escolhido conscientemente.

INFLEXÕES ANALÍTICAS E INTERSECÇÕES ENTRE QUEIMADA E HAITI

O filme é uma ficção, todavia, traz muitas reflexões acerca do contexto histórico de dominação colonial na América Latina, reflexões sobre os processos de subjetivação das personagens que dialogam a partir de mundos distintos ao longo das cenas - a saber, Queimada nas Antilhas e Inglaterra do século XIX. A ilha de Queimada representa a terra colonizada, fonte do poder imperial da Inglaterra. Dolores é consequência do tráfico de escravos realizado durante séculos pelos distintos países europeus, isso fica explícito numa cena em que Walker fala à Dolores que “a civilização pertence aos brancos”.

Porém, o próprio Walker se cala e apresenta um olhar de fracasso por não ter a resposta a pergunta de Dolores: “Você diz que a civilização pertence aos brancos, eu te pergunto qual civilização e até quando?”. Após ser incendiada, a ilha de Queimada passa a ser a casa de pessoas escravizadas, vindas da África. Estes africanos são colocados em condições sub-hu-

manas, desde o seu transporte nos navios negreiros até os seus últimos dias de vida, trabalhando para produzir todo o açúcar necessário para sustentar a economia europeia.

Em uma cena do filme, Dolores diz a Walker que renuncia a autoproclamação e o confronto, dizendo que os brancos sabem vender açúcar, mas quem corta a cana são os negros. Nesse ponto é interessante notar que Dolores estava compreendendo que a força de trabalho dos escravos é que sustentava o poder da coroa inglesa. Aqui, vemos o escravo tomado por uma intuição que o leva a refletir acerca das intersecções entre a sua própria condição de servidão, a condição de domínio do senhor e seus próprios vislumbres e horizontes de liberdade.

Como tentamos expressar aqui, o filme Queimada é significativo de todo o processo de colonização do Novo Mundo e indiciário dos modos de produção de subjetividades típicos dos territórios que configuraram, posteriormente, aquilo que hoje conhecemos como América Latina. Podemos dizer, em outros termos, que o processo de colonização instaura não apenas estruturas institucionais de dominação, mas também suscita modos de subjetivação que nos permitem dizer, por exemplo, quem é o povo de um lugar, qual o seu *ethos*, o que define o "ser" de um lugar.

Em alguma medida, é perfeitamente verificável o fato de que sujeitos específicos ocupam papéis sociais em determinados contextos e estruturas de dominação. Sem embargo, o que o filme Queimada denota ou faz sentir é que, por mais coercitivas, hegemônicas e totalizantes que sejam as estruturas de dominação, subjugação e classificação dos indivíduos, ainda assim, há sentidos que estão e estarão sempre em disputa, sentidos que não são da dimensão das essências, mas sim da dimensão do devir, do dissenso e da capacidade de insurgência. E este é, precisamente, o caso da palavra liberdade, tal como expressa pela personagem José Dolores.

Em Queimada somos colocados diante da ideia de que, na vida real e cotidiana, ser escravo ou ser senhor não é algo natural ou determinado por instâncias transcendentais e onipotentes. Ser escravo ou ser senhor é, sobretudo, uma condição configurada e reconfigurada de acordo com contextos sociais, políticos, econômicos e culturais específicos. De algum modo, o filme Queimada representa os sentidos daquilo que entendemos como liberdade em contextos marcados por processos coloniais. Assim, não é forçoso dizer que o filme representa uma verdadeira dialética senhor-escravo em termos cênicos.

Admitindo a validade da hipótese que aqui levantamos, a saber, a de que o filme Queimada representa de algum modo, uma verdadeira dialética senhor-escravo tal como concebida por Hegel⁴, podemos nos perguntar: Por que, então, toda a exploração que acontecia nas colônias não incomodava alguns pensadores da época? Talvez não fosse conveniente problematizar a situação de escravidão nas colônias, visto que toda a condição material - e mesmo toda condição de possibilidade - de seus pensamentos era criada e sustentada pelos escravos em seus contextos de servidão total. Pode-se dizer que certas naturalizações eram necessárias para manter a coesão social e muitos impérios que foram construídos com trabalho escravo.

Ao refletir sobre o pensamento pós-colonial no contexto daqueles territórios que vieram a configurar o que chamamos, hoje, de América Latina, buscamos enfatizar no presente texto a relevância da ideia de liberdade, tal como desenvolvida no contexto da "descoberta" do novo

⁴ O senhor se relaciona mediamente com o escravo por meio do ser independente, pois justamente ali o escravo está retido; essa é sua cadeia, da qual não podia abstrair-se na luta, e por isso se mostrou dependente, por ter sua independência na coisidade. O senhor, porém, é a potência sobre esse ser, pois mostrou na luta que tal ser só vale para ele como um negativo. O senhor é a potência que está por cima desse ser; ora, esse ser é a potência que está sobre o Outro; logo, o senhor tem esse Outro por baixo de si: esse é o silogismo [da dominação]. (HEGEL, 2020, p. 147).

mundo. Nesse sentido, propomos uma intersecção entre um contexto ficcional representado no filme *Queimada* e o contexto histórico da revolução haitiana. Esta intersecção, por sua vez, remete-nos a abordagem analítica da dialética senhor-escravo em Hegel, tal como apresentado por Susan Buck-Morss (2009) em seu texto *Hegel e o Haiti*.

Para Buck-Morss, tamanha foi a força da concepção colonial e a pervasividade desta lógica de dominação que, até hoje, as mais profícuas tentativas de descolonizar o pensamento social e pensar as relações humanas em uma concepção propriamente pós-colonial valem-se, quase que inevitavelmente, de análises históricas da mentalidade colonial. Ou ainda em outros termos, pensar hoje os povos ameríndios ou originários, por exemplo, com alguma frequência restringe-se a um pensamento acerca da configuração de povos latino-americanos, quer dizer, povos marcados pelo ideal de Estado-nação europeu ocidental.

Segundo Buck-Morss, em Thomas Hobbes a escravidão era “parte inalienável da lógica de poder”⁵ e fazia parte da natureza humana. John Locke, em contrapartida, problematizava a escravidão em sua obra “Dois tratados sobre o governo” (1690) quando essa escravidão era associada às cadeias na Inglaterra de sua época. Mas, quando a escravidão referia-se aos negros em colônias de plantação no novo mundo, isso não era mais um problema em si, mas uma condição da tirania legítima e legal. Acerca disso, Buck-Morss escreve:

Como acionista da Real Companhia Africana, envolvida na política colonial americana na Carolina, Locke “claramente considerava a escravidão negra como uma instituição justificável”. (BUCK-MORSS, 2009, p. 135).

Nesse contexto, a liberdade britânica estava associada à proteção da propriedade privada e os escravos eram tidos como propriedades. No entanto, essa ideia de escravos como propriedade privada foi repensada alguns anos após essa declaração de Locke, visto que, cerca de cinquenta anos após suas palavras, a demanda crescente por açúcar e o número altíssimo de importações de escravos africanos para as colônias havia transformado, de forma substancial, as relações com o novo mundo. Nem mesmo Jean-Jacques Rousseau, um dos emblemas do republicanismo, considerou a escravidão negra nas plantações coloniais como um problema social.

Há de se lembrar que o *Code Noir*, uma lei promulgada por Luiz XIV tornava legal a escravidão nas colônias e vigorou entre 1685 e 1848 na França. Essa lei tornava legal a aquisição de seres humanos como propriedade móvel e definia as condições de vida dos escravos, bem como as torturas e os assassinatos daqueles que questionassem essa condição de escravidão. Porém, em nenhum momento de suas reflexões os iluministas questionaram esse código legislativo. Apesar de o conhecerem e de falarem de muitas situações onde a escravidão era vista como algo terrível e inadmissível, eles nunca, ou de modo muito incipiente, refletiam a respeito do que acontecia com os negros africanos nas colônias.

E mesmo com todo o discurso por liberdade e igualdade e de várias nações que se diziam libertas da escravidão, todo esse discurso não era suficiente para abolir de vez a escravidão de fato, pois ela servia aos valores mercantis das nações de homens que se consideravam livres em seu pensamento. Enquanto isso, muito sangue era derramado nas colônias, o que gerou revolta em muitas populações escravizadas e, nesse contexto, destacamos as revoltas que ocorreram na colônia de Saint-Domingue (Haiti).

⁵ (BUCK-MORSS, 2009, p. 134).

HAITI

Segundo Buck-Morss, à frente de todas as plantações de cana do novo mundo estava a República de Saint-Domingue que em 1767 produziu 63 mil toneladas de açúcar. Saint-Domingue disparou numericamente também no tráfico negreiro com cerca de 500 mil pessoas transportadas pelo Atlântico ao longo do século XVIII. E foi nesse contexto, que parte significativa do pensamento iluminista se desenvolveu na Europa e de alguma forma reverberava nas colônias, durante a Revolução Francesa (BUCK-MORSS, 2009, p. 135). Para a autora, esse meio milhão de escravos de Saint-Domingue se organizou em lutas armadas a fim de promoverem sua própria emancipação, nas palavras de Buck-Morss:

O epicentro dessa luta foi a colônia de Saint-Domingue. Em 1791, enquanto mesmo os mais ardentes opositores da escravidão na França esperavam passivamente por mudanças, o meio milhão de escravos em Saint-Domingue, a mais rica colônia não somente da França, mas de todo o mundo colonial, tomava nas próprias mãos as rédeas da luta pela liberdade, não através de petições, mas por meio de uma revolta violenta e organizada. (BUCK-MORSS, 2009. Pág.138).

Toussaint L'Ouverture que nasce escravo, mas se torna livre na fase adulta, tem a oportunidade de estudar na França e voltando para Saint-Domingue, se torna o líder da revolução negra. Ele escreve em 1801 uma constituição para o Haiti onde deixa explícita a inclusão racial em sua definição de cidadania. A França, por sua vez não aceitaria essa emancipação escrava e tenta, através das tropas de Napoleão Bonaparte, reestabelecer o *code noir*, levando Toussaint à prisão na França.

Toussaint morre em 1803 na prisão francesa. Porém, outros líderes revolucionários na colônia continuaram lutando pela liberdade. E foi assim, após a última batalha que aconteceu em 1803 contra as tropas de Napoleão, que em 1804 Jean-Jacques Dessalines declara a independência do Haiti. Até aquele momento nenhuma outra sociedade composta por negros e mulatos livres e escravizados tinha declarado sua própria independência através de uma revolução, tal como aconteceu no Haiti. Segundo Buck-Morss:

A autolibertação dos escravos africanos de Saint-Domingue lhes assegurou, à força, o reconhecimento dos brancos europeus e americanos — mesmo que tenha sido por medo. Entre aqueles que sustentavam simpatias igualitárias, também angariou respeito. Por quase uma década, antes que a eliminação violenta dos brancos sinalizasse seu recuo deliberado de princípios universalistas, os jacobinos negros de Saint-Domingue colocaram-se à frente da metrópole ao realizar ativamente o objetivo iluminista da liberdade humana, parecendo oferecer prova de que a Revolução Francesa não era simplesmente um fenômeno europeu, mas um evento com implicações históricas de alcance mundial. (BUCK-MORSS, 2009. Pág.139).

Foi assim que em 1804, na França, um periódico respeitável chamado Minerva que, nas palavras de seu fundador Archenholz, era o mais importante periódico sobre política da virada do século a cobrir a Revolução Francesa desde seu início, anunciava a sociedade europeia sobre a revolução no Haiti. Em um ano, houve mais de cem páginas impressas que revelaram através de testemunhos a luta pela independência no Haiti.

Segundo Buck-Morss, foi assim que Hegel soube da Revolução Haitiana e conseguiu for-

mular, em sua obra “Fenomenologia do espírito”, escrita entre 1805 e 1806, mas publicada em 1807, a relação entre senhor e escravo. Tal relação é colocada como uma dialética e abre espaço para pensar a liberdade humana num contexto de constantes transformações entre liberdade e escravidão. Como explicitado pela autora em seu texto “Hegel e o Haiti”, nas palavras de Hegel:

Ler o jornal no início da manhã é uma espécie de prece matinal realista. [No primeiro caso], nos afastamos do mundo e nos dirigimos a Deus, ou [no segundo caso] nos dirigimos ao mundo, àquilo de que ele é feito. Ambas nos oferecem a mesma segurança, uma vez que deixam cientes de onde nos encontramos. (BUCK-MORSS, 2009. Pág.143).

Para Buck-Morss, por tanto, Hegel sabia o que estava acontecendo na colônia de Saint-Domingue. No entanto, é muito importante pontuar que Hegel como um homem europeu de seu tempo não questionava o tráfico de escravos ou mesmo o sistema escravocrata que o sustentava. E, como um sujeito essencialista que refletia seu tempo, ele ponderou, talvez para não restringir a interpretação de seus argumentos a uma *reductio ad hominem*, não citar diretamente os fatos que lia no periódico Minerva.

A intenção de Hegel não era problematizar a escravidão em si, mas o movimento dialético que se mostrava a partir dessa relação entre senhores e escravos. Em sua ideia de liberdade, Hegel vai dizer que livre é aquele que tem autonomia de si mesmo ou consciência de si mesmo. Nesse sentido, mesmo os escravos estando sob a condição de mercadorias, sob a posse de seus senhores e sendo por eles tutelados, ainda assim poderiam refletir sobre sua condição no mundo colonial. E a partir dessa reflexão chegar à consciência de si enquanto sujeitos. Para Hegel:

[...] na consciência escrava, como tal, não coincidem esses dois momentos um com o outro: o de si mesma como objeto independente, e o desse objeto como uma consciência, e, portanto, como sua própria essência. (HEGEL, 2020, p. 151).

A condição de escravidão obrigava aqueles homens a criarem condições de subsistência independente de seus senhores. Então, além de trabalhar para os outros, eles trabalhavam para si mesmos, o que os tornavam, em alguma medida, “conscientes de si”. Ao passo que os senhores de escravos (ainda que detentores da tutela daqueles indivíduos escravizados) acabavam tornando-se dependentes materialmente do trabalho dos escravos que os serviam. Ou seja, nesse sentido, os senhores não eram inteiramente autônomos ou, em última instância, tinham sua liberdade condicionada à existência do trabalho escravo. Para Buck-Morss:

Na fenomenologia do espírito, Hegel havia abordado o tema do reconhecimento mútuo em termos de Sittlichkeit [eticidade]: criminosos contra a sociedade ou as relações recíprocas na comunidade religiosa ou afeição pessoal. Agora, porém, esse jovem professor, ainda no início de seus 30 anos, teve a audácia de rejeitar essas versões anteriores (mais aceitáveis para o discurso filosófico estabelecido) e inaugurar, como a metáfora central de seu trabalho, não a escravidão oposta a algum estado mítico de natureza (como todos aqueles entre Hobbes e Rousseau haviam feito antes dele), mas escravos contra senhores, trazendo para dentro de seu texto a realidade presente, histórica, que o cercava como uma tinta invisível. (BUCK-MORSS, 2009. Pág.144).

Tendo em vista que Hegel nos propõe essa reflexão capaz de dialetizar as noções de liberdade e escravidão, podemos nos perguntar: o que de fato é ser livre e o que de fato é ser escravo? Podemos dizer que os senhores que detinham poder econômico sobre as colônias não eram livres, porque dependiam inteiramente de escravos para serem servidos, ao passo que os escravos podiam ser considerados “livres” na medida em que não dependiam de outros para servi-los.

A partir da leitura de Susan Buck-Morss, a inflexão de categorias e conceitos propostos por Hegel só é possível porque ele busca definir escravidão e liberdade necessariamente a partir de suas expressões na história. Os conceitos hegelianos são essencialmente históricos e a história, tal como concebida por Hegel, não é pensada como uma substância, uma natureza estática ou algo da dimensão do transcendente, mas sim como um processo imanente à própria condição de ser humano no mundo. Definir liberdade e escravidão, na concepção hegeliana implica em compreender o processo que faz do ser livre e do ser escravo um devir, um horizonte de possibilidades que só se manifesta a partir das contingências e dos condicionantes históricos e sociais no mundo.

Ser escravo ou ser livre significa, então, tornar-se um sujeito livre ou um sujeito escravo. Dito ainda de outro modo, ser escravo ou ser livre é ser sujeitoado a formas de liberdade ou formas de escravidão. Ou seja, somente é possível definir a liberdade e a escravidão enquanto processo de subjetivação no mundo, levando em conta que ser sujeito é um movimento simultâneo de ser agente no mundo e ser sujeitoado ou determinado pelas normas e valores culturalmente constituídos.

O sujeito livre, por exemplo, só se constitui enquanto tal na medida em que se contrapõe a uma alteridade ou Outro possível. Não é possível definir um sujeito livre senão através da contraposição de outra definição possível, a saber, a de sujeito escravo. Esta concepção é, precisamente, o que Hegel chamou de “dialética senhor-escravo”.

O que aconteceu no Haiti foi que os indivíduos escravizados conseguiram transformar sua condição de escravos em condição de sujeitos livres, mostrando que eles não são propriedade privada de ninguém. A condição de escravidão foi um dos fatores cruciais para que toda a revolta acontecesse e chegasse a um estopim. Um processo de luta por liberdade como esse que ocorreu no Haiti é um caso ímpar de resistência, luta anticolonial e antiescravista que foi liderada por negros e mulatos livres que tiveram contato com ideais iluministas e tiveram condições de refletir eles mesmos a sua própria condição como escravos. Toda essa história de luta, resistência, morte e liberdade foram subjugadas ao longo das trajetórias de vidas até hoje invisibilizadas.

Diante dessas intersecções e inflexões conceituais propostas, somos levados a pensar, à guisa de conclusão, que a dignidade jamais será efeito da indulgência, piedade, favor ou caridade alheia. Não existe liberdade consentida e como atributo exclusivo de um indivíduo, toda liberdade só pode ser conquistada na medida em que a concebemos como processos históricos e relações sociais. E essa conquista de liberdade existe, por vezes, as custas de muitas mortes. Estas proposições e concepções podem ser aduzidas tanto das falas da personagem José Dolores no filme Queimada, quanto dos relatos historiográficos sobre a revolução haitiana e a atuação central de personagens como Toussaint L’ouverture naquele contexto.

REFERÊNCIAS

- BUCK-MORSS**, 2009. Susan: Hegel e o Haiti: disponível in <https://laboratoriodesensibilidades.files.wordpress.com/2018/06/hegel-e-o-haiti-pdf-inteiro.pdf>
- FANON**, Frantz. *Condenados da terra*. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 1968. (pref. de Jean-Paul Sartre).
- FIDOTTA**, Giuseppe & **CAMINATI** Luca. “Gillo Pontecorvo”, with Giuseppe Fidotta. Gieri, Manuela, and Donato Santeramo (eds.), *Twentieth Century Italian Filmmakers*, Rome: UniversItalia, 2020, pp. 433-436.
- HEGEL**, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. 9ª ed. Rio de Janeiro. Vozes, 2020, p. 142 – 152.
- JAMES**, Cyril Lionel Robert. *Os jacobinos negros Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. tradução Afonso Teixeira Filho, - 1.ed.rev. - São Paulo: Boitempo, 2010. Introdução.
- KANT**, 1784. [A481] Resposta à pergunta: “Que é o Iluminismo?” (1784) (3 Dez., 1783, p. 516. Disponível in [kant_o_iluminismo_1784.pdf](#) (lusosofia.net).
- PONTECORVO**, Gillo. *Queimada!* (Filme): Burn!, Itália / França, 1969. Direção: Gillo Pontecorvo. Roteiro: Franco Solinas, Giorgio Arlorio, baseados em história de Gillo Pontecorvo. Elenco: Marlon Brando, Renato Salvatori, Norman Hill, Evaristo Marquez, Tom Lyons. Trilha sonora: Ennio Morricone. Drama. 132 minutos.
- SAID**, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p 01-05.